

Escola:	EP:	Distrito:
1. Idade: 2. Terra de origem: 3. Religião: 4. Sexo: 5. Tipo de casa (alvenaria, madeira e zinco, caniço, outros): 6. Fonte de água (canalizada, fontanário, poço, rio ou lagoa): 7. Número de refeições diárias:		

Tens 10 frases mais abaixo. Para cada frase tens 3 casinhas. Pensa um bocado nas frases e põe um X nas casinhas da tua preferência.

FRASES	CONCORDO	NÃO CONCORDO	NÃO SEI
1. As doenças são provocadas pelos micróbios			
2. As doenças são provocadas pelos maus espíritos			
3. O SIDA apanha-se através do preservativo			
4. É importante usar preservativo			
5. Costumo ouvir rádio			
6. Já vi cinema ou vídeo nesta terra			
7. O cloro combate a cólera			
8. Os curandeiros curam doenças			
9. Eu tomei "banho" tradicional			
10. Conheço as campanhas de prevenção das doenças			

Quisemos ter um quadro geral de possíveis atitudes²⁰⁷ que pudessem ou não apontar para crenças do tipo "o cloro provoca a cólera".

Uma atitude não é uma acção²⁰⁸, mas uma predisposição para a acção ou a probabilidade de uma acção de um certo tipo²⁰⁹, uma variável intermediária entre a opinião (comportamento verbal) e a conduta (comportamento activo). É uma disposição relativamente persistente que tira da sua coerência uma certa estabilidade e que permite explicar a passagem do primeiro tipo de comportamento ao segundo²¹⁰.

O questionário foi respondido por 246 estudantes, dos quais 184 do sexo masculino e 62 do sexo feminino, pertencentes a cinco escolas, uma das quais da própria cidade de Nampula (EP2 12 de Outubro no bairro *Muhala Extensão*).

Vejamos os quadros em termos de frequências percentuais:

I

Escolas	Idade			
	11-13	14-16	17-19	20 ou mais
Memba	19	70	11	0
Aúbe	21	61	18	0
Larde	2	31	58	9
Angoche	50	46	4	0
Nampula	34	66	0	0
Global	25	54	19	2

²⁰⁷ Mas pusemos de lado a construção de uma verdadeira escala de atitudes.

²⁰⁸ Baselga, Eduardo y Urquijo, Soledad, *Sociologia y violencia/Actitudes Universitarias*. Bilbao: Universidad de Deusto/Mensajero, 1974, p.195.

²⁰⁹ Allport, Gordon W., Attitudes, in Fishbein, Martin (ed), *Readings in Attitude and Measurement*. New York: Wiley, 1967, pp.1-13.

²¹⁰ Gil, António Carlos, *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1991, p. 134.

II

Escola	Terra de Origem												
	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17
Memba	2	0	0	0	68	2	0	0	0	16	4	2	6
Aúbe	0	91	0	0	0	0	0	9	0	0	0	0	0
Larde	0	15	0	0	0	2	0	79	0	0	0	0	4
Angoche	16	64	2	0	0	4	2	6	0	2	0	0	4
Nampula	58	2	4	2	0	0	0	2	2	2	0	0	28
Global	16	29	1	0,66	15	2	0,66	21	0,67	4	1	0	9

III

Escola	Religião		
	Muçulmana	Cristã	Ateu/Pagão
Memba	49	51	0
Aúbe	64	36	0
Larde	68	28	4
Angoche	50	44	6
Nampula	40	58	2
Global	54	44	2

IV

Escola	Sexo	
	Masculino	Feminino
A. Memba	83	17
Aúbe	97	3
Larde	95	5
Angoche	56	44
Nampula	49	51
Global	75	25

V

Escola	Tipo de Casa			
	Alvenaria	Madeira e Zinco	Canço	Outro ²¹¹
Memba	17	25	0	58
Aúbe	3	9	9	79
Larde	9	11	16	64
Angoche	40	4	16	40
Nampula	34	43	0	23
Global	22	19	8	51

VI

Escola	Fonte de água			
	Canalizada	Fontanário	Poço	Rio/Lagoa
Memba	2	32	28	38
Aúbe	0	0	94	6
Larde	0	53	47	0
Angoche	76	18	6	0
Nampula	75	2	23	0
Global	32	23	36	9

VII

Escola	Refeições diárias		
	Duas	Três	Quatro
Memba	38	47	15
Aúbe	58	42	0
Larde	47	41	12
Angoche	6	78	16
Nampula	0	68	32
Global	28	56	16

A escolha das turmas foi aleatória e não houve de forma geral qualquer receio ou obstáculo no preenchimento. Pelo contrário, a maior parte dos estudantes fez questão de colocar os seus nomes no

²¹¹ Maioritariamente casas de capim.

questionário, ainda que lhes tivéssemos dito que respeitávamos o anonimato.

Esta confiança no preenchimento dos questionários, em meios afectados pela memória dos acontecimentos descritos, é, já, um bom indicador de distanciação afectiva e de predisposição analítica.

No que concerne aos resultados, verifica-se que as poucas correlações positivas existentes são ínfimas e baixas. Isso significa que o padrão geral das respostas pouco teve a ver com as sete variáveis escolhidas²¹².

Correlação e regressão

Memba

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1,00	-0,23	0,09	-0,06	-0,05	-0,11	0,21	0,14	-0,15	0,26
2		1,00	-0,10	0,00	0,00	0,00	-0,12	0,30	0,00	0,00
3			1,00	-0,23	0,00	0,22	-0,26	-0,11	-0,06	-0,21
4				1,00	0,72	0,25	0,45	0,06	0,05	0,003
5					1,00	0,48	0,52	0,10	-0,01	-0,13
6						1,00	0,11	-0,03	0,13	-0,27
7							1,00	0,20	-0,22	0,04
8								1,00	-0,16	0,13
9									1,00	-0,22
10										1,00

²¹² As variáveis foram organizadas em 33 sub-parâmetros, a saber: **Idade:** 11-13/ 14-16/17-19/20 ou mais; **Terra de origem:** Nampula/Angoche/ Ilha de Moçambique/ Malema/ Memba/ Mongincual/ Mogovolas/ Moma/Murupula/ Nacala/ Namapa/ Ribáuè/ outras províncias; **Religião.** Muçulmana/ cristã/ ateu ou pagão; **Sexo:** masculino/ feminino; **Tipo de casa:** alvenaria/ madeira e zinco/caniço/outro; **Fonte de água:** canalizada/fontanário/poço/rio ou lagoa; **Número de refeições diárias:** duas/três/quatro.

Aúbe

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2		1,00	0,06	-0,10		0,32	-0,18	-0,13	0,03	-0,16
3			1,00	-0,04		-0,03	-0,03	-0,21	-0,22	-0,31
4				1,00		-0,05	-0,05	0,53	-0,24	0,11
5					1,00					
6						1,00	-0,03	-0,07	-0,02	-0,21
7							1,00	-0,07	-0,02	-0,21
8								1,00	-0,32	0,07
9									1,00	0,08
10										1,00

Larde

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1										
2		1,00	0,23	0,06	0,18	0,23	-0,23	0,18	0,23	-0,06
3			1,00	0,10	0,12	0,15	-0,04	0,20	-0,07	0,33
4				1,00	-0,04	-0,07	-0,05	-0,13	0,05	0,21
5					1,00	0,66	-0,43	0,00	-0,02	0,05
6						1,00	-0,07	0,34	0,03	0,11
7							1,00	0,00	0,18	0,06
8								1,00	0,23	-0,01
9									1,00	-0,05
10										1,00

Angoche

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1,00	-0,29	-0,13	0,44	0,42	-0,10	0,27	-0,12	0,00	0,18
2		1,00	0,05	0,01	0,01	-0,04	-0,06	0,06	0,15	-0,15
3			1,00	-0,36	-0,02	-0,12	-0,12	0,18	0,23	-0,10
4				1,00	-0,06	-0,10	0,19	-0,12	-0,08	0,32
5					1,00	-0,07	0,05	0,32	-0,15	0,05
6						1,00	-0,12	-0,15	-0,06	-0,16
7							1,00	-0,16	-0,30	0,23
8								1,00	0,06	-0,02
9									1,00	-0,29
10										1,00

Cidade de Nampula

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1,00	0,11	0,00	0,10	0,52	-0,02	-0,11	-0,05	0,21	0,15
2		1,00	0,16	-0,13	0,15	-0,21	0,15	0,27	-0,09	0,01
3			1,00	-0,33	0,00	-0,33	0,12	-0,08	-0,16	0,23
4				1,00	-0,04	0,38	0,21	-0,15	0,06	0,21
5					1,00	-0,06	-0,05	-0,03	0,03	0,42
6						1,00	0,05	-0,19	0,02	0,25
7							1,00	0,01	-0,28	0,20
8								1,00	-0,02	-0,17
9									1,00	-0,04
10										1,00

Global

Questão	Questão									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
1	1,00	-0,08	-0,02	0,13	0,16	-0,03	0,13	0,04	0,03	0,06
2		1,00	0,08	-0,05	0,09	-0,01	-0,02	0,16	0,05	-0,06
3			1,00	-0,18	0,03	-0,03	-0,09	-0,02	-0,03	0,02
4				1,00	0,16	0,13	0,19	-0,01	-0,02	0,16
5					1,00	0,25	0,13	0,04	-0,06	0,03
6						1,00	0,01	0,03	-0,01	-0,06
7							1,00	0,02	-0,19	0,06
8								1,00	-0,08	-0,16
9									1,00	-0,08
10										1,00

Nas respostas à primeira questão (*As doenças são provocadas pelos micróbio*), a concordância oscila entre 90 e 100%, com a pequena exceção dos 83% dos estudantes que declararam ser da categoria "ateu/pagão". Existe, portanto, um excelente potencial de pensamento do tipo analítico, que coloca as causalidades e as co-ocorrências no campo específico da sua existência física ou social²¹³.

Nas respostas à segunda questão (*as doenças são provocadas pelos maus espíritos*), a concordância diminui acentuadamente, sendo

²¹³ Houtart, François et Remy, Anselme, *Haiti et la mondialisation de la culture, Étude des mentalités et des religions face aux réalités économiques, sociales et politiques*. Paris: CRESFED/L'Harmattan, 2000, p.9.

apenas expressiva naqueles que pertencem à faixa "ateu/pagão" (50%). A concordância é de 21% nos rapazes e de 34% nas raparigas, mostrando maior potencial feminino para a crença. Curiosamente, a concordância é maior naqueles que afirmaram viver em casas de alvenaria (36%), ter acesso a água canalizada (32%) e a quatro refeições diárias (25%)²¹⁴. Portanto, nos limites estreitos das predisposições aqui em estudo, possuir melhores condições de vida não significa necessariamente maior distanciamento em relação ao pensamento simbólico do tipo mágico-analógico, que coloca a explicação dos mecanismos de funcionamento das relações sociais e com a natureza fora do seu campo específico, remetendo-as para seres semelhantes aos humanos, mas mais poderosos²¹⁵. Por outro lado, são expressivas as percentagens de desconhecimento (*não sei*) em todas as variáveis. Portanto, estamos diante de um quadro predisposicional por um lado *mestiço* (combinando o pensamento analítico e o simbólico) e, por outro, indeciso.

Em relação à terceira questão (*O SIDA apanha-se através do preservativo*), a não concordância é generalizada, ainda que existam percentagens não irrelevantes de desconhecimento (*não sei*) perpassando por seis variáveis (com exceção da "terra de origem").

Na quarta questão (*É importante usar preservativo*), a concordância é grande e acima dos 90%²¹⁶, com rapazes e raparigas afinando pelo mesmo diapasão (93 e 94%, respectivamente). Parece, assim, existir a consciência clara da prevenção, o que contrasta quer com as pessoas que ouvimos e cujos testemunhos demos a conhecer, quer com a transformação dos preservativos em balões entre as crianças dos bairros e das aldeias.

²¹⁴ A percentuação aqui apresentada naturalmente que contribui para produzir um relevo maior do que aquele que o número efectivo de pessoas nessas condições possui. Agradecemos à Helena Monteiro esta chamada de atenção. Veja-se o anexo estatístico.

²¹⁵ Houtart, François et Remy, Anselme, *Haiti...*, op.cit., pp.11, 167.

²¹⁶ Com exceção dos naturais de Malema, bem poucos. Veja anexo estatístico.

No tocante às quinta e sexta questões (*Costumo ouvir rádio* e *Já vi cinema ou vídeo nesta terra*, as percentagens de concordância são, igualmente, expressivas, o que mostra bem uma abertura grande ao mundo.

Na sétima questão (*O cloro combate a cólera*), verificam-se também percentagens de concordância expressivas, com pequenas variações nesta ou naquela variável. Também neste caso estamos diante de um quadro perceptual aberto e optimista.

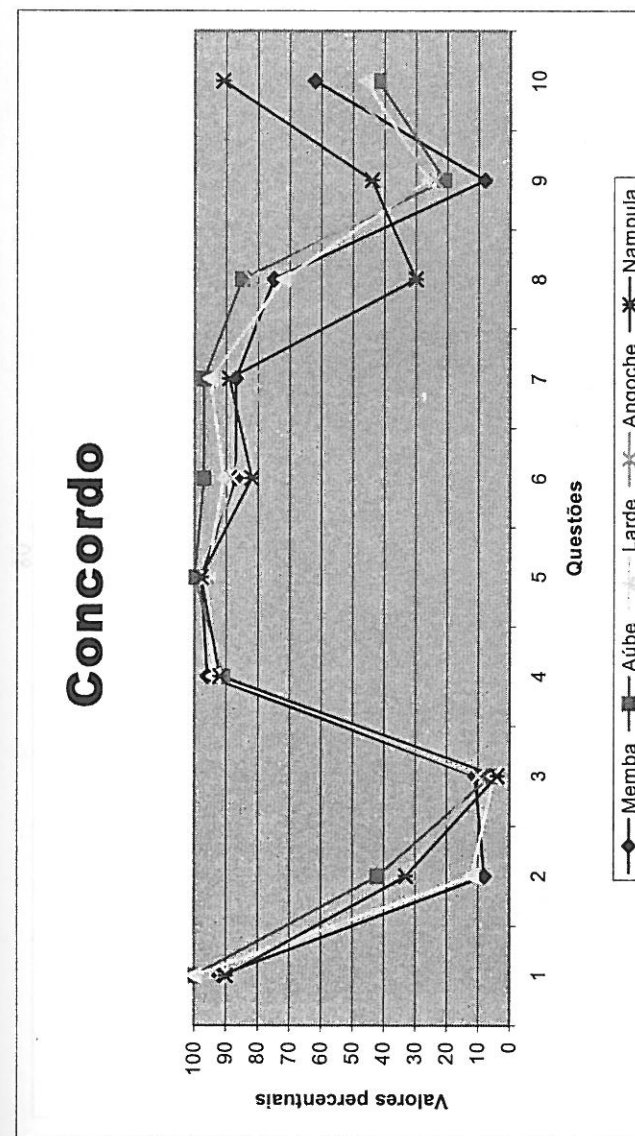
Na oitava questão (*Os curandeiros curam doenças*), a expressividade de concordância (apesar de percentagens significativas de “*não sei*”) atesta a mestiçagem já referida e a dependência do pensamento simbólico, com os rapazes curiosamente mais firmes do que as raparigas (respectivamente 72 e 55%).

Na nona questão (*Eu tomei banho²¹⁷ tradicional*), existe um quadro nebuloso e uma oscilação entre a concordância, a discordância e o desconhecimento. É possível que esse quadro tenha a ver com a dificuldade de entendimento da questão sentida pelos estudantes. Preferimos não emitir qualquer conclusão a esse respeito.

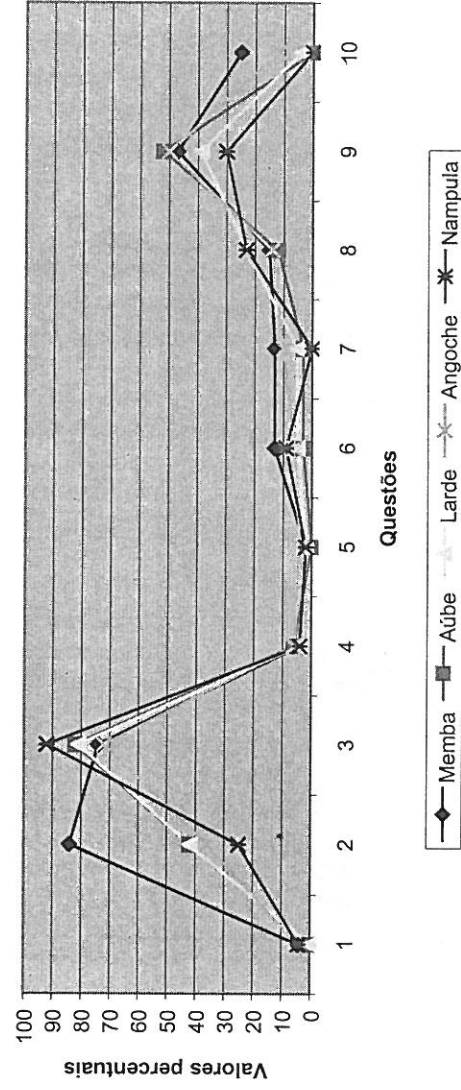
Na última questão (*Conheço as campanhas de prevenção das doenças*), a concordância é razoável, ainda que existam percentagens de desconhecimento significativas. A positividade da concordância contrasta com a ausência de campanhas de prevenção nas aldeias e bairros e certamente tem a ver com o esforço dos professores em elucidar os estudantes.

Vejamos os gráficos com resultados percentuais gerais:

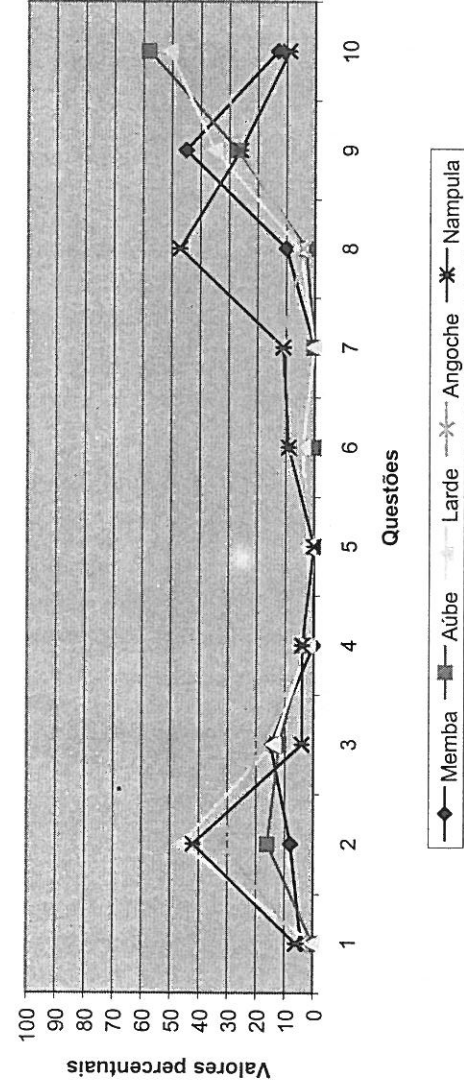
²¹⁷ Por outras palavras, protecção mágica contra os mais espíritos.



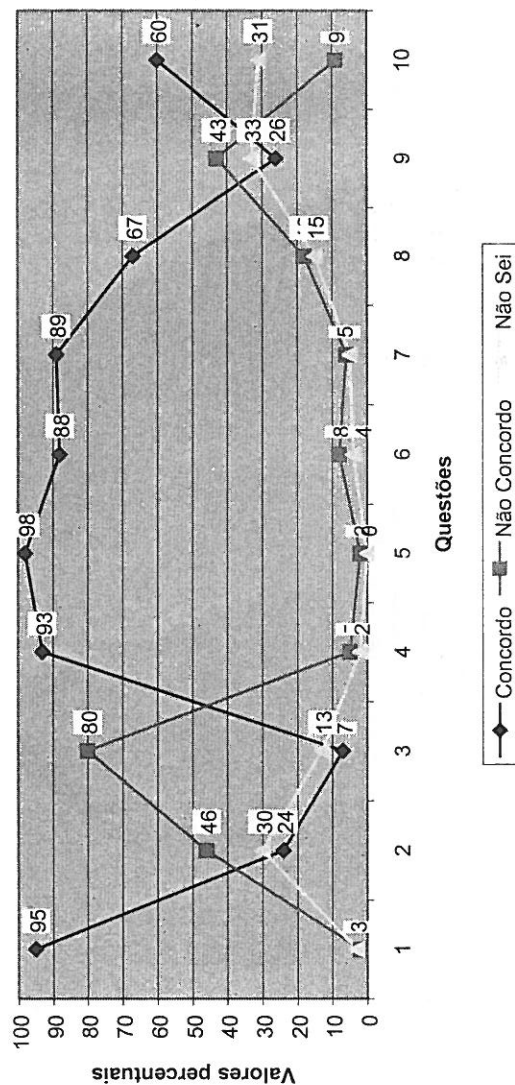
Não Concordo



Não Sei



Global



82

O quadro de resultados regista pequenas variações quando os comparamos escola por escola ou região por região, como se pode verificar no anexo estatístico. Mas a EP2 da cidade de Nampula não se diferencia no geral do quadro perceptual registado nas EP2 de Memba, Angoche-sede, Aúbe e Larde, ainda que mais expressiva, por exemplo, na concordância com a questão 10 e na discordância na questão 8.

Estamos diante de um quadro perceptual que pode ser sintetizado sob quatro registos:

1. Existe um potencial de adesão a uma análise científica dos fenómenos, que a abertura ao mundo da rádio e do cinema/vídeo certamente robustece;
2. Esse potencial de adesão a uma análise científica está, no entanto, colado a uma leitura simbólica desses mesmos fenómenos;
3. A *mestiçagem* inferencial é, assim, um dado generalizado;
4. Não é possível prever se os estudantes serão, no futuro, quando adultos, menos permeáveis a comportamentos e a inferências do tipo que demos a conhecer para Memba, Angoche e Aúbe/Larde se confrontados com uma crise social severa.

5. Conclusões

Recordemos a nossa hipótese:

A crença de que a cólera é introduzida pelo governo em Nampula através do cloro (fenómeno) é um indicador de insegurança popular (nível 1) ampliada pela tensão política (nível 2).

Vamos concluir tendo como referência as três perguntas de partida do nosso trabalho.

83

Em relação à 1.ª pergunta: Quais as raízes sociais do mito da cólera?

Os resultados obtidos na pesquisa de campo confirmam os dados quer da pesquisa arquivística quer da pesquisa de campo (os desta aprofundando os daquela) no concernente à insegurança popular do nível 1 da hipótese, mas não foram encontradas evidências para confirmar o nível 2.

Todavia, o facto de não terem sido encontradas evidências para o nível 2, não significa que a tensão política, por nós mostrada, não amplie a insegurança. Certamente o faz.

Os resultados invalidam a tese oficial de uma “campanha de desinformação” com uma mão política à retaguarda, na circunstância a da Renamo²¹⁸.

Todavia, se do lado do partido no poder encontrámos ausência de esclarecimento e repressão policial, do lado da Renamo encontrámos passividade e potencialmente o interesse em que a situação social explodisse.

Julgamos ter provado que a crença tem raízes populares e é autónoma, sejam quais forem os papeis que os militantes dos partidos aí possam jogar ou ter jogado.

A crença de que a cólera é objectivamente introduzida pelo Governo através do cloro para matar as populações não é irracional nem os seus produtores são “analfabetos”, “estúpidos” e “confusos”.

Na verdade, a crença possui a racionalidade e a robustez simbólicas de uma inferência causal lógica que, por um lado, está enraizada num campo plural de privações (com uma concentração singular e intensiva de fenómenos inquietantes que se perfilam com o apodrecimento da mandioca, passam pelo fecho de fábricas²¹⁹ e desaguam

²¹⁸ Da mesma forma na França dos anos 60, a propósito do “boato de Orléans” (judeus que raptavam jovens francesas para as encaminhaa à noite para prostíbulos depois de as adormecer), circulou a tese da mão política, em particular da esquerda, o que se provou ser falso – veja Morin, Edgar, *La rumeur...*, *op. cit.*, pp.10, 35.

²¹⁹ Previa-se em 2002 que a fábrica de óleos e sabões do Monapo, com 340 trabalhadores, pudesse vir a ser encerrada dado ter falido – in *Economia &*

no peixe que é dito rarear) e, por outro, paga uma grossa factura à ausência de diálogo com os funcionários administrativos, ausência de diálogo que tem na carência de campanhas de esclarecimento e de prevenção das epidemias um exemplo paradigmático. Para dizer como Michel de Certeau, “A sobrevivência da árvore está em jogo quando as suas raízes são desnudadas”²²⁰.

A crença é produto de uma crise, é o seu veículo de enunciação, o seu combustível, o seu êmbolo, a sua gramática. Fermenta no campo da privação, com a memória encostada ao término da guerra em 1992, o corpo em meio a uma concentração excessiva de fenómenos perturbadores e o futuro perfilando-se, duro e sem saída.

Ela conta uma história falsa para sublinhar um problema verdadeiro²²¹.

Na verdade, a crise perfila-se na crista de nove conjuntos de fenómenos, a saber:

1. Água em mau estado ou rareando, mandioca generalizadamente apodrecida, dificuldades de escoamento de produtos agrícolas e de rendimento (especialmente algodão), encerramento de fábricas, ausência de emprego, múltiplas pragas agrícolas, caprinos dizimados por uma estranha doença, rarefacção aparente do pescado;
2. Apetência popular de escolas de alvenaria, de serviços de saúde dignos e sem suborno e de crédito;
3. Pouca ou nula presença das autoridades administrativas no terreno em contacto permanente com as populações;
4. Ausência de campanhas de prevenção de doenças epidémicas;

Negócios, *Notícias* de 11/10/02, última página. Face à situação que se vive em Nampula, a repercussão deste novo fenómeno não ficará, certamente, confinada ao Monapo.

²²⁰ Certeau, Michel de, *La prise de parole et autres écrits politiques*. Paris: Seuil, 1994, p. 31.

²²¹ Champion-Vincent, Véronique et Renard, Jean-Bruno, *De source sûre...*, *op. cit.*, p.333.

5. Especialmente através de manifestações de mulheres e jovens, as populações mostram não confiar no governo e temem mesmo ser eliminadas por ele;
6. As populações desconfiam das ONGs que actuam na área (inclusive da SNV) e agridem os seus extensionistas, considerando-os como meras extensões de um governo pouco estimado;
7. Vários tipos de conflitos locais, cruzando-se numa onda contínua;
8. Uma leitura estigmatizadora das populações por parte de produtores locais de opinião e, em particular, de funcionários subalternos do Estado (os mapéwé) em termos de “atraso”, “analfabetismo”, etc.;
9. Aguda consciência popular de que é necessário introduzir mudanças, consciência retro-alimentada pelo contacto regular com o mundo da modernidade através do vídeo e do cinema.

O facto de a crise expressa pelo mito da cólera ter surgido na crispação política das eleições municipais de 1998 não significa que tenha sido um seu produto. A crispação pode ter ampliado o mito, mas não o criou.

O mito impregnou (e talvez ainda impregne) igualmente as crianças e os adolescentes das escolas da cidade de Nampula. A componente simbólica do tipo analógico da epistemologia, a que chamámos *mestiça*, dos estudantes do EP2 por nós ouvidos, constitui um excelente campo de acção para o enraizamento e a irradiação de mitos desse tipo.

A crise que o mito enuncia dá origem a um eclipse do social, à vertigem da indiferenciação das regras a todos os níveis e a uma crítica severa ao Estado.

Quando mulheres despem um régulo (subversão inédita da dominação androcêntrica) ou querem saber o que se passa junto do chefe de posto e são recebidas a tiro; quando jovens desempregados e sem horizonte queimam casas na raiva do desconhecido, do

instante e da dúvida ou maltratam com crueldade pessoas mais velhas; quando funcionários governamentais a nível local são acusados de introduzir a cólera; ou quando jovens, à cabeça dos protestos populares, fogem em Memba para as montanhas, num estilo de perfeita *marronage*, tudo isso revela uma profunda intranquilidade, uma falta de confiança no Estado, uma entrada instintiva na subversão das regras existentes, dos códigos de honra, das hierarquias de uso, da ordem pública na sua totalidade e, finalmente, uma espécie de rosto possível de um futuro turbulento.

Estamos perante uma conflitualidade poliédrica, cipoal, da qual é possível salientar cinco facetas:

1. Em primeiro lugar, temos as pessoas dos bairros e das aldeias, especialmente mulheres e jovens, em conflito com o Estado, conflito que passa pelo confronto de quadros cognitivos diferentes na interpretação das causas: para essas pessoas é o Estado que introduz a cólera. As mulheres descritas neste trabalho, estão, nos seus desejos, na sua ansiedade, no seu veemente protesto social, muito para além da passividade inerente a uma “cultura de súbditos”²²². Activas, na vanguarda da reivindicação, trabalhando no campo de sol a sol e arcando com o ónus das dificuldades, as mulheres das áreas nas quais operámos exigem ser tratadas como seres humanos.
2. Em segundo lugar, temos régulos em oposição a secretários de bairro ou de célula e este pode ter sido e continuar a ser um laboratório fértil na ampliação do mito aqui em análise. Na verdade, apresentámos testemunhos de que os secretários poderão ter contribuído para ampliar o mal-estar. O controlo pela hegemonia e a disputa pelos réditos da cobrança de impostos e de taxas de bicicletas constituem momentos centrais da luta política de base.
3. Em terceiro lugar, surge-nos um conflito, cuja profundidade não pudemos investigar, entre duas linhas islâmicas, uma linha

²²² Ribeiro, Gabriel Sérgio Mithá, *As representações sociais dos Moçambicanos: do passado colonial à democratização. Esboço de uma cultura política*. Lisboa: Instituto da Cooperação Portuguesa, 2000, *passim*.

digamos que “antiga” e uma linha “nova”, a dos chamados *Alisunas*, acusados de subverterem as regras culturais locais. Esta linha, tutelada pelo Conselho Islâmico, pode estar eventualmente ligada à busca de certo tipo de purismo doutrinário.

4. Em quarto lugar, temos uma leitura local feita a um tempo de apetência, ciúme e desconfiança em relação aos activistas das ONGs, especialmente da SNV. É provável que em circunstâncias normais não se prestasse atenção às motas e à sua cor, à velocidade, à actuação das CDLs num certo sítio e não noutra. Mas, no turbilhão da inquietação, face ao duplo constrangimento²²³, esses fenómenos ganham uma redundância acrescentada e os activistas são apanhados no *maelström* da crise e pela inferência que faz do Estado o responsável da introdução da cólera. Por outras palavras, esses activistas são considerados uma extensão do Estado e a SNV um dos seus êmbolos.
5. Em quinto lugar, o Estado é encarado como uma entidade, perversa, oportunista, que apenas se interessa pelos seus súbditos quando as eleições estão próximas. O mito da cólera é, a este respeito, emblemático: a desconfiança que enuncia em relação ao Estado, o conflito que expressa, são críticas veementes à venalidade.

A partir do momento em que a crise é desencadeada, eventualmente ampliada pelas altas densidades populacionais costeiras²²⁴ e pelas ondas da luta política, torna-se preponderante o carácter emocional das reacções humanas locais confrontadas com a tragédia da morte pela cólera; ao mesmo tempo, a emotividade acrescentada na reacção diminui as possibilidades de uma apreciação realista do processo. É este o coração do duplo constrangimento, como já escrevemos. As cenas reactivas de particular rancor e dureza são disso um exemplo.

²²³ Rever o nosso corpo teórico.

²²⁴ Pormenor sugerido por um funcionário sénior da SNV. Em 1997, a densidade populacional em Momba foi calculada em 49h/k2; a de Angoche em 81 h/k2; e a de Moma, em 37 h/k2. Veja ACNUR/PNUD, *Perfis de desenvolvimento distrital - distrito de Moma/Provincia de Nampula*, p.3; *distrito de Angoche/Provincia de Nampula*, p.3; *distrito de Momba.Provincia de Nampula*, p.3. Maputo: AHM, s/d.

O fenómeno tem lugar quer nas zonas afectadas pela cólera, quer naquelas onde a doença não surgiu ou surgiu em pequena escala. A rádio formal e a rádio do sertão (a *rádio-de-boca-a-orelha*) encarregaram-se de disseminar as notícias, captadas na crista da emoção e portanto assimiladas por “deslocamento”. Lá onde não havia cólera, surgiu, porém, a *cólera social*. É significativo que vários dos actores por nós ouvidos tivessem argumentado que fora o seu protesto popular a evitar a entrada da epidemia.

Mas se a busca de bodes expiatórios está em consonância com o duplo constrangimento, não está menos com tudo o que significa ausência de esclarecimento e de diálogo.

A ausência de esclarecimento e diálogo amplia os efeitos do duplo constrangimento.

Os agentes do Estado são vistos como distantes ou, então, como venais, surgindo apenas quando as eleições estão próximas, de acordo com um comentário ouvido em Larde e por nós reproduzido mais atrás.

O cloro é, então, logicamente, revestido da natureza do Mal, do Desconhecido, do Premeditado.

O processo de busca de bodes expiatórios aglutina num mesmo saco, em autêntico movimento browniano, tudo o que é considerado possuir afinidade, física ou simbólica: funcionários administrativos, chefes tradicionais, parteiras, extensionistas das ONGs; objectos como motas, cantis e escapes; fenómenos como a fugacidade da passagem dos extensionistas, a velocidade motorizada, etc.

O que é sentido como repentinamente distante, desconhecido, incontactável, venal, não dialogante, não convertível às necessidades locais ou sendo a estas insensíveis, fica impregnado de culpa e como tal torna-se motivo de ataque em meios onde as pessoas se queixam amargamente de estarem privadas de muitos bens e serviços, de estarem a braços com fenómenos dramáticos.

Constrói-se e robustece-se assim todo um simbolismo hostil ao Estrangeiro, ao *Mucunha*.